

O CLARO ENIGMA DE UM TÍTULO: AMAR, DE DRUMMOND DE ANDRADE

Tieko Yamaguchi Miyazaki (UNEMAT)¹
Julieta Haidar (ENAH)²

Resumo : Talvez o título do poema Amar de Drummond de Andrade seja o responsável pelo entendimento eufórico do texto, claramente constatado na sua leitura inclusive por atores televisivos. Operacionalizando um pequeno corpo de pares conceituais, estudados por Greimas, as autoras pretendem demonstrar que tal orientação não se aplica à dimensão do enunciado uma vez que o poema é a expressão disfórica, não do sentimento do amor, mas da atividade que ele implica numa dimensão cósmica. Na enunciação, porém, ele se envolve numa ambiência emocional que lembra em certa medida poemas de Bandeira.

Palavras-chave: Drummond, disforia do processo amoroso, recursos metalinguísticos, denominação e condensação, isotopias gramaticais.

Abstract: Perhaps the title of the poem Amar by Drummond de Andrade is responsible for the euphoric understanding of the text, clearly evidenced in his reading even by television actors. By operating a small body of conceptual pairs, studied by Greimas, the authors intend to show that this orientation is a misnomer, since the poem is the dysphoric expression, not of the feeling of love, but of the activity that it implies, in a cosmic dimension.

Keywords: Drummond, dysphoria of the loving process, metalinguistic features, name and condensation, grammatical isotopies.

Amar, este poema de Drummond de Andrade, de seu livro **Claro enigma**, de 1951, juntamente com outro poema do mesmo autor, O enterrado vivo, d' **O fazendeiro do ar**, de 1954, foram objeto de um ensaio publicado na **Revista de Letras**, da Universidad de Puerto Rico, em Mayagüez, em 1975. Uma das razões de reunir em um mesmo trabalho poemas relativamente próximos quanto à publicação, mas aparentemente distantes quanto aos títulos, foi a disforia marcante em ambos, de enunciação contundente no segundo e amargurada no primeiro. A preocupação maior foi seguir com rigor ensinamentos da época sobre abordagem do poético, do poético no verbal. A observação da coerência no tratamento dos planos do conteúdo e da expressão, a sua correlação específica quanto à forma, o foco do sentido incidindo no discurso e seus procedimentos de desenvolvimento, a diagramação, o desenho na folha impressa foram alguns dos princípios que fundamentaram a leitura e análise dos dois poemas.

1-Livre-docente em Literatura e aposentada pela UNESP, de S.J.do Rio Preto. Colaboradora no Mestrado em Estudos Literários, Universidade Estadual do Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra.

² Escuela Nacional de Antropología e Historia, Posgrado em Antropología Social, México, Línea de investigación transdisciplinaria Análisis del Discurso y Semiótica de La Cultura, D.F

No entanto, ao longo do tempo, a alegria de ver e ouvir o primeiro poema - Amar - declamado em ocasiões festivas escolares ou, na mídia, por atores renomados se confundia com o incômodo pela empatia eufórica com que sempre era lido. Normalmente tomado em fragmento, descontextualizado pois do todo, verificava-se que o título da peça funcionava como um indicador forte para essa orientação: amar, em oposição paradigmática a odiar.

Resolvemos, então, desenvolver uma nova leitura, não mais com o foco voltado para poeticidade que se realiza em várias e distintas dimensões do texto poético, mas orientado a provar a disforia disseminada ao longo dele, e de forma incontornável. Para isso, ao contrário da análise anterior, utilizamos e enfatizamos algumas categorias que nos pareceram mais adequadas para a abordagem do objeto central desta nova leitura.

Por esta razão, de natureza metodológica, embora conhecendo os aportes teóricos de Greimas sobre o poético, expostos em diferentes ocasiões, como em **Sémantique structurale** (1966) ou no ensaio 'Pour une théorie du discours poétique' (do livro **Essais de sémiotique poétique** – 1972 - que traz estudos teóricos e práticos de dez outros autores), resolvemos nos restringir mais especificamente à reflexão desenvolvida na última parte de seu livro **Du sens** – Essais sémiotiques (1970).

Em seu estudo sobre palavras cruzadas, Greimas aponta entre estas e a linguagem poética o traço comum de tratar-se em ambos os casos de comunicação diferida. A partir dele, além da antipoeticidade das palavras cruzadas, Greimas assinala a seguinte diferença: enquanto nas palavras cruzadas parte-se de um inventário de definições de sentido para chegar-se ao não-sentido das denominações, a linguagem poética parte do aparente não-sentido para o sentido.

Uma forma de diferir a comunicação encontra-se expressa na já bastante conhecida conceituação de figura estilística: a distância entre duas expressões diferentes de um mesmo conteúdo. Esta conceituação pressupõe, de um lado, a dicotomia expressão vs conteúdo e, de outro, a dicotomia equivalência vs distância. O trabalho do leitor, na busca da significação, consiste, portanto, na identificação da distância, isto é, das expressões diferentes e, a seguir, na supressão dela através da identificação de um mesmo conteúdo. Essa atividade pressupõe que nada no plano da expressão se opõe à existência de conteúdos formuláveis de formas distintas.

A figura estilística é, portanto, uma figura que se dá no discurso, *lugar de encontro do significante e do significado, lugar também de distorções devidas às exigências contraditórias da liberdade e das injunções da comunicação, às oposições das forças divergentes da inércia e da história.* (GREIMAS, 1966, p.42, trad.nossa)

1.1 Se a figura estilística é uma relação de plano da expressão e plano do conteúdo numa proporção de +1E/ 1C, faz-se necessário um exame da natureza das unidades de expressão, isto é, das unidades de comunicação, e das unidades do plano do conteúdo, ou seja, das unidades de significação.

As unidades de comunicação são de dimensão e estrutura diferentes e são descritas através de categorias morfossintáticas e semânticas: lexemas, paralexemas, sintagmas e enunciados. Em todo discurso as unidades sintáticas servem de quadro a um tipo específico de isotopia: uma isotopia gramatical que se manifesta graças à concordância e à recção. Constituída de um pequeno número de classemas, a isotopia gramatical se encarrega não propriamente da manifestação do conteúdo mas de sua transmissão. Greimas identifica essa função gramatical com a função fática jakobsoniana, a qual é realizada por morfemas gramaticais, cuja densidade semântica é relativamente fraca, essa isotopia tem função translativa:

Esta noção de translação, diz Greimas (1966, p.116), tomada de Tesnière, explica muito bem o papel desempenhado pelos morfemas gramaticais, os quais tomam os lexemas como os termos-objetos de uma sub-linguagem e os transmitem, como o jogador que passa a bola para o companheiro, com a ajuda da redundância gramatical até o fim último que é o destinatário.

A redundância gramatical é dupla: de um lado, a iteratividade das classes gramaticais e, de outro, a iteratividade dos mesmos esquemas elementares em que são forjadas as mensagens. A construção sintática não é, no entanto, tão transparente: ela cria um terceiro tipo de redundância graças, por exemplo, aos processos de derivação, à reiteração dos mesmos semas em lexemas e translativos. Lembra Greimas (1966, p. 116)

(...) a gramaticalização da manifestação seria algo excelente se as funções de significação e as de comunicação fossem claramente distintas. Infelizmente, as estruturas de comunicação (...) significam e as estruturas de significação (...) se gerenciam para comunicar: daí resultam as contínuas distorções do discurso.

1.2 Às unidades de comunicação acima enumeradas não correspondem unidades de significação exatamente da mesma dimensão e estrutura. Não há isomorfismo entre estas duas unidades de natureza distinta.

As unidades gramaticais são unidades não-semânticas. Dentre elas, nem mesmo o lexema, de *status* sintático bastante claro, pode ser considerado unidade de significação. É antes um quadro gramatical que possibilita a manifestação de sememas diferentes (GREIMAS, 1970, p. 305); é um modelo de funcionamento e não uma unidade de conteúdo; é um modelo virtual que subsume todo o funcionamento de uma figura de significação recoberta por um formante anterior a toda manifestação no discurso; este só pode produzir sememas particulares (GREIMAS, 1966, p.51)

A unidade semântica é a resultante do encontro de pelo menos dois lexemas. Ao não se considerar mais o lexema como a menor unidade de sentido, a sequência do plano do conteúdo manifestado seria então a composta da combinatória de dois sememas. O contexto é, portanto, a unidade de discurso superior ao lexema e é nesse nível de articulação do conteúdo que se processa todo o sistema de compatibilidades e incompatibilidades sêmicas.

Os elementos constitutivos da sintaxe semântica são, portanto, os sememas. Dados os elementos constitutivos, a sintaxe oferece um corpo mínimo de regras de construção com as quais os sememas são arranjados em esquemas sintáticos elementares.

1.3. O discurso é uma hierarquia de unidades de comunicação que se encaixam umas nas outras. A manifestação discursiva da linguagem consiste no estabelecimento de relações hipotáticas. Essa propriedade do discurso que permite acrescentar determinações sucessivas não pode ser confundida com a propriedade da expansão. Esta consiste na capacidade de unidades de comunicação de dimensão e estrutura diferentes serem reconhecidas como equivalentes através da neutralização da hierarquia sintática. A propriedade que tem uma sequência em expansão de ser considerada como equivalente a uma unidade sintaticamente mais simples. A equivalência define o próprio

funcionamento normal de uma língua: uma atividade metalinguística em que se valorizam as relações de conjunção e disjunção.

Á mensagem em expansão se opõe a decodificação compressiva da condensação.

A expansão encontra sua expressão na definição e a condensação, na denominação. A definição é uma expansão sintagmática que mantém com o termo a definir - denominação - uma equivalência baseada na existência de alguns semas comuns. Na equivalência se dá uma identidade sêmica parcial que é suficiente para dar conta do funcionamento metalinguístico do discurso e para autorizar uma análise semântica. Isto quer dizer também que entre dois segmentos justapostos um conjunto de semas permanece fora da área da equivalência: esta se processa entre a base classemática da denominação e os elementos genéricos da definição.

1.4. Em seu ensaio sobre palavras cruzadas, após diferenciar a atividade do autor e do leitor - um cria a distância deixando a equivalência implícita e o outro suprime a distância explicitando os processos de camuflagem da equivalência -, Greimas (1970, p.288-9) diz:

Tanto num caso como no outro, a tarefa do linguista consiste em descrever os processos de manipulação de conteúdos, considerados equivalentes enquanto núcleos de Dn (denominação) e de Df (definição) e que sofrem uma série de conversões, transformações para serem finalmente recobertos, na manipulação lexemática, por expressões diferentes, distanciadas e muitas vezes desconhecidas. Pouco importa que o resultado dessa explicitação de manifestação se apresente sob a forma de regras de conversão ou de uma descrição de redes de relações: basta que estas manifestações não sejam consideradas como orientadas, uma vez que, teoricamente pelo menos, o processo criador do autor toma caminhos que o processo interpretativo do leitor deve reencontrar e percorrer no sentido inverso.

Nossa hipótese de trabalho consiste então em dizer que, dada a equivalência entre os conteúdos de Dn e Df, esta só pode ser estabelecida pela supressão da distância (Di):

$$C(Dn) \geq C(Df) - Di .$$

A partir de tal hipótese de trabalho, é possível descrever a distância do ponto de vista sintático e, a seguir, as equivalências e as distâncias semânticas.

As definições apresentam uma organização interna: são segmentáveis em duas unidades discretas, passíveis de uma conversão negativa aplicada simultânea ou sucessivamente aos dois termos. Essas unidades que se encontram ligadas por uma relação hipotática se encontram também em uma relação de complementaridade que exige o estabelecimento de uma isotopia única indispensável à equivalência $Df = Dn$.

1.5. Durante toda a análise das palavras cruzadas de Greimas, permanece subjacente o outro termo da comparação, declarado desde o início do ensaio e retomado no final: a linguagem poética. Tendo sempre em mente o princípio que em *La linguistique structurale et la poétique* (1970, p.218) considera *o impulso revolucionário dado às pesquisas* – o princípio da projeção de equivalências na cadeia sintagmática de Jakobson -, Greimas chega à conclusão de que na linguagem poética é a existência de uma isotopia geral do texto que possibilita a leitura homogênea das definições. Baseando-se no princípio de Jakobson, afirma que a relação hipotática dos lexemas de uma definição pode ser neutralizada em favor dos sememas, os quais, situados num plano semântico homogêneo, se encontram em relação de conjunção e disjunção. Numa definição de um texto poético não ocorre, portanto, uma hipotaxe de sememas mas uma conjunção. De modo geral, pode-se dizer que, se a ambigüidade de uma definição pode ser resolvida graças à articulação binária de sua organização interna, o mesmo não ocorre com a denominação. Em princípio as denominações – lexemas isolados- são indeterminadas quanto à significação; elas dependem das relações que mantenham com as definições correspondentes.

Desta mútua dependência das definições e denominações resultam, de um lado, a reiteração de semas e, de outro, o fechamento circular do discurso. Essas duas consequências fundamentam a originalidade do texto poético. Segundo Greimas (1970, p.272),

A originalidade dos objetos *literários* (o termo é absolutamente impróprio), parece poder definir-se por uma particularidade da comunicação: o esgotamento progressivo da informação, correlativo ao desenvolvimento do discurso; esta, ao cortar o fluxo das informações, dá uma nova significação à redundância, a qual, longe de constituir uma perda de informação, vai pelo contrário valorizar os conteúdos selecionados e enclausurados. A clausura neste caso transforma o discurso em objeto estrutural e a história em permanência.

Passemos, agora, à análise de um poema de Carlos Drummond de Andrade, à procura dos caminhos que, através dos conceitos acima expostos, nos conduzam à construção de um subcódigo próprio, a um micro-universo semântico específico, à apreensão dos mecanismos discursivos responsáveis pela criação, disseminação e sustentação da disforia a que nos referimos.

2.0.

A M A R

Drummond de Andrade

Que pode uma criatura senão,
Entre criaturas, amar?
Amar e esquecer,
Amar e malamar,
Amar, desamar, amar?
Sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
Sozinho, em rotação universal, senão
Rodar também, e amar?
Amar o que o mar traz à praia,
O que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
É sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
O que é entrega ou adoração expectante,
E amar o inóspito, o áspero,
Um vaso sem flor, um chão de ferro,
E o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Eis o nosso destino: amor sem conta,
Distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
Doação ilimitada a uma completa ingratidão,
E na concha vazia do amor a procura medrosa,
Paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
Amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Já de início, o título do poema coloca a pergunta: por que amar e não amor? Uma resposta imediata mas provisória é oferecida pelo texto pela constante repetição da forma verbal ao longo do poema, atingindo inclusive o verso do fecho. Uma segunda resposta decorrente da primeira seria a que opusesse o caráter estático do substantivo à dinamicidade do verbo, indicando-se com isso a intenção de focalizar-se não o sentimento mas a atividade, o processo. É necessário, no entanto, todo um exame acurado para confirmar-se ou não essa significação baseada simplesmente em uma distinção morfológica, ou seja, numa denominação.

Tomando como pressuposto que a relação do título de um poema e o próprio poema é uma relação de denominação/definição, de condensação/expansão, estabelecemos como hipótese de trabalho que a relação entre título e texto é a que define a figura estilística, ou seja, duas expressões diferentes para o mesmo conteúdo.

2.1. O poema é composto de cinco estrofes, todas elas de muitos versos, excetuando-se a última, constituída, em franco contraste com as anteriores, de somente dois versos. Tal contraste não é homologado por um outro: a forma *amar* comparece nas três primeiras estrofes e na última, enquanto a penúltima, a IV, se caracteriza pela presença reiterada da forma *amor*. Após a reiteração de *amar* nas três primeiras estrofes, a sua volta na última é enfatizada pela interpolação de uma estrofe marcada pela sua ausência, substituída pela forma *amor*. Pode-se dizer ainda que essa volta está também posta em destaque não só pela interpolação referida como pela diferença numérica dos versos da estrofe. A sua forma nominalizada no alto da folha de papel, solta no meio do silêncio do espaço em branco ao redor, se oferece como significante à espera da descoberta de seu significado.

2.2. As estrofes em que se apresenta a forma *amar*, na realidade retomam simplesmente a pergunta formulada logo nos versos iniciais:

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?

O contexto frasal é bastante complexo. É necessário proceder-se a toda uma análise não só da modalização introduzida pelo verbo *poder* como também pela forma interrogativa, de valor nitidamente retórico e, conseqüentemente a esta, da restrição forte expressa pelo *senão*. Por ora tomemos aquilo que está evidente na questão formulada pelo poema: a disforia manifesta nos dois versos iniciais, introdutórios, é confirmada, de forma mais clara, na primeira parte da estrofe II pela transformação da enunciação em enunciado, em um enunciado reflexivo:

Que pode, *pergunto*, o ser amoroso (...) senão rodar também, e amar?

O primeiro dado com que se conta é a disforia atribuída ao verbo *amar*, contrariando a euforia pressuposta no sistema por sua oposição à disforia de *odiar*.

Considerando-se ainda simplesmente o verbo que realiza o núcleo do predicado da proposição, verifica-se que os três verbos subsequentes se encarregam de não só confirmar reafirmando o que expressam os dois primeiros versos, mas principalmente de estabelecer equivalências. Se equivalência implica semelhança e diferença, identidade e distância, pode-se dizer que nessas sequências – binárias e ternárias – dos três versos ocorre uma isotopia antes de mais nada gramatical, graças à reiteração da mesma classe morfológica, graças à reiteração do mesmo esquema sintático elementar. Dá-se, pois, uma identidade sintática, numa relação isomorfa.

A distância no plano da expressão, praticamente total em *esquecer* e parcial (através dos prefixos) em *desamar*, *malamar*, é neutralizada pela disforia contextual de *amar*. Com relação ao primeiro verbo, essa distância só é vencida, parece, após o exame de sua significação

decorrente da posição ocupada por ele na sequência do verso. Vamos ater-nos somente aos compostos. Nestes, como se disse, a oposição paradigmática da disforia lexicalizada pelos prefixos é neutralizada pela disforia de *amar* no contexto geral do poema: a oposição desaparece, assim. Essa neutralização possibilita, de um lado, a equivalência semântica entre o verbo original (*amar*) e os seus compostos (*desamar*, *malamar*) e, de outro, mantém em suspenso a categoria da quantidade relativa manifestada na articulação Ø(des-) VS ± (mal-).

Da mesma forma que na estrofe I, introduz-se na estrofe II um verbo cuja expressão, como *esquecer*, manifesta a primeira instância de distanciamento:

(... que pode senão)
rodar também, e amar?

A comutabilidade sintática entre *amar/rodar* está afirmada enfaticamente uma vez que o novo lexema ocupa no verso exatamente a mesma posição ocupada por *amar* na estrofe anterior; na sequência é *amar* que se apresenta como o segundo termo da equivalência. Entre a estrofe I e a II ocorre uma inversão:

(...que pode senão)
I - amar e esquecer ; malamar; desamar
II - rodar e amar.

Essa inversão, ao colocar uma relação de permuta entre os termos, neutraliza a pertinência distintiva da posição e reafirma a equivalência dos lexemas.

Tanto *esquecer* quanto *rodar* se distanciam de *amar*. No entanto, se ao primeiro é necessário percorrer toda uma trajetória complicada que leve à equivalência, no segundo verbo parece mais fácil estabelecer uma base isotópica. Para isso é preciso situar o lexema no contexto geral do poema.

3.0 Deixando de lado por ora todos os demais aspectos introduzidos pela sua natureza retórica, pode-se considerar como uma das frases de base da proposição dos versos iniciais a seguinte:

X ama Y

X é realizado na estrofe I pelo sintagma *uma criatura*, enquanto Y se reduz a Ø. Na estrofe II, esse sintagma é substituído por *o ser amoroso* enquanto Y continua Ø, embora só na primeira parte em que esta estrofe se divide. Num primeiro momento, a tônica recai, portanto, na relação SN – SV. Tanto assim que os seus constituintes básicos, o sintagma sujeito e o núcleo do predicado, recebem determinações em oposição à ausência do complemento objeto:

Uma criatura, *entre criaturas*,
e até de olhos vidrados, amar?

Na estrofe II, a ênfase sobre o sujeito persiste na forma de substituições e de expansão ou condensação: *uma criatura* cede lugar a *o ser amoroso* e *entre criaturas* passa a *sozinho*, que se especifica em *rotação universal*. Já com relação ao predicado algumas alterações se observam. A partir da estrofe II não se verifica na posição de *até de olhos vidrados* nem expansão nem condensação semelhante às da posição sujeito. Faz exceção *solenemente* na estrofe III, justificável pelo sintagma objeto. Em contraposição ganha relevo a partir da segunda parte da estrofe II a função objeto, atualizado em todas as estrofes em que ocorre o enunciado de base. Essa não atualização de sintagmas circunstanciais e a importância atribuída ao objeto fazem supor uma relação de suplência do circunstancial pelo objeto. Isto é, a significação manifestada por *até de olhos vidrados* pode se apresentar veiculada nas demais estrofes pela articulação dos sintagmas objeto

3.1. Uma análise contextual de *amar* revela a existência de duas classes contextuais de lexemas aptos a ocupar a posição X: uma classe do universo humano e uma classe do universo animal. Tem-se aí a categoria /animado/ que se disjunge em /humano/ vs

/ animal/. Um rápido cotejo no campo lexemático de *criatura* revela como semas constantes os seguintes: /animado/, /produto natural/ e, como contextuais /humano/ ou / animal/. Em um subconjunto de contextos, *criatura* é equivalente ao lexema *homem*. Isso significa que se tem, no enunciado *uma criatura ama* de isotopia humana, um emprego estilístico de *criatura*, o qual obriga a procura dos semas disjuntivos que motivaram, a partir da equivalência referida, a escolha de tal expressão.

A resposta é sugerida primeiro pelo sintagma *entre criaturas* e depois, na estrofe II, pela expansão *em rotação universal*. A espacialidade manifestada pelo primeiro e especificada como terrena pela segunda põe em destaque um traço discreto anteriormente apontado: o de /produto natural/.

Na estrofe II, a expressão *uma criatura* é substituída por *o ser amoroso*. A divisão do novo sintagma sujeito em duas unidades discretas (*o ser/ amoroso*) deixa ver a lexicalização do sema /ser/, eixo da articulação de /animado/ vs /inanimado/ e presente em *criatura* na forma de seu primeiro sema. Por outro lado, o artigo definido indicando pronominalização e a transformação em adjetivo, dada pelo sufixo *-oso*, revelam o sintagma como resultante da transformação do enunciado: *uma criatura ama*.

Tem-se aí uma transformação de uma predicação funcional em uma predicação qualificativa. Além da distância estilística entre as duas expressões que realizam a função sujeito, verifica-se ainda uma distância entre o enunciado da estrofe I como um todo e o sintagma sujeito do enunciado da estrofe II. Nessa distância, traduzível em termos de redução de uma predicação funcional em qualificativa, processa-se uma retomada metalinguística da primeira pela segunda. A esta retomada a nova expressão, resultante de uma lexicalização, explicita semas não perceptíveis numa leitura isolada da primeira expressão. Explicitar semas suspensos no enunciado anterior, eis a função da segunda unidade do sintagma *o ser amoroso*.

Quais semas? Uma resposta pode ser tentada pela comparação da forma derivada de substantivo – *amoroso* – com a forma derivada de verbo – *amante* – preterida no poema.

3.2. A língua portuguesa oferece as duas possibilidades de derivação, cada qual manifestando um ou vários semas específicos. Considerando-se que o adjetivo resulta da transformação de uma predicação funcional, cujo núcleo é realizado por um verbo, a forma de maior probabilidade seria a verbal: pergunta-se, por isso, qual a razão da isotopia instituída pelo termo escolhido.

Procedendo-se a uma comparação dos campos lexemáticos em que se distribuem as duas formas, chega-se a uma conclusão parcial. É necessário confrontar os resultados obtidos com os dados que oferecem comparações com outros pares homólogos existentes na língua (*ardor-oso/ ard-ente; estudi-oso/ estudante*) e ainda com aquelas formas - substantivas ou verbais - que não possuem par.

3.3. Antes, porém, é preciso examinar a relação do sujeito sintático-semântico dos enunciados com o seu predicado, tendo em vista ser o sujeito da estrofe II uma condensação da predicação funcional da estrofe I. E, a seguir, examinar a relação dos dois enunciados entre si, tendo em vista o funcionamento metalinguístico do discurso que aí se processa.

Na estrofe I, entre o sujeito e o predicado, deixadas de lado as significações instauradas pelos processos retóricos apontados, não parece apresentar-se nenhum problema. Na estrofe II, no entanto, a tautologia primeiro evitada e depois realizada - *o ser amoroso roda – o ser amoroso ama*, assinala duas perspectivas inversas à abordagem da equivalência. A tautologia, numa primeira instância, afirma uma identidade semântica, um sentido óbvio; esse sentido óbvio impõe, numa segunda instância, uma leitura a partir da não-identidade sintática dos segmentos justapostos. Em oposição à tautologia de *o ser amoroso ama*, a primeira predicação (*roda*) cumpre de imediato aquilo que Greimas atribui à escritura poética: diferir a comunicação. Em contraposição, portanto, à isomorfia sintática de *roda / ama* e *uma criatura / ser amoroso*, caracterizada como lugar de substituições paradigmáticas, no caso da tautologia a divisão do enunciado em dois segmentos (*o ser amoroso / ama*) denuncia uma relação heteromorfa entre eles. De acordo com Greimas, a relação heteromorfa entre termos equivalentes oferece a possibilidade de intercâmbio, de permutas sintagmáticas dentro do quadro do próprio enunciado: *o ser amoroso* (Dn) = (o que) *ama* (Df).

Essa equivalência horizontal não pode ser estabelecida logo de início entre os componentes do enunciado da estrofe I: *uma criatura / ama*. Isto porque é indispensável a mediação da transformação realizada na estrofe II para que a equivalência sintática substitutiva seja complementada por uma equivalência semântica. Para que *criatura* substitua integralmente *ser amoroso*, a leitura deve percorrer duas direções sucessivas: a primeira, da estrofe I para a II, e a segunda, da estrofe II para a I. É só então que a equivalência heteromorfa de *criatura / ama* se torna viável.

Se se concorda com Greimas quanto à distinção entre escritura substitutiva “essentielle” e escritura permutacional “evenementielle”, a condensação do enunciado da estrofe I pelo sintagma nominal da estrofe II se processa graças à passagem de uma perspectiva “evenementielle” para uma perspectiva “essentielle”. Como, no entanto, a relação heteromorfa da estrofe II se apresenta na forma de uma predicação funcional, verifica-se numa segunda leitura que a escritura “evenementielle” está determinada por uma perspectiva “essentielle”.

3.4. Voltando à dicotomia *amoroso / amante*, um primeiro aspecto que se oferece é o do comportamento sintático dos dois lexemas quanto à exigência ou não de uma complementação equivalente à requerida pelo verbo amar. Fazendo-se a substituição de *amoroso* por *amante* no sintagma em questão, confirma-se a comutabilidade deles, sem que a forma verbal acarrete a manifestação necessária de uma complementação. Entretanto, um rápido exame das condições em que tal comutação é possível revela uma proporcionalidade inversa no emprego das duas formas:

a- poucos são os contextos em que a forma *amante* aparece sozinha; nesses casos, ou ela se apoia em um contexto mais amplo que o enunciado elementar, ou se situa em um enunciado de condensação isotópica ou recebe uma carga generalizante (*amada amante/ ser amante de..*).

b- em contraposição, a outra forma guarda uma boa autonomia quanto à complementação; quando se dá, ela marca o caráter particularizante da ocorrência: *X é amoroso. X é amoroso com ...*

O emprego das variantes coloca ainda a distinção habitual / não-habitual, integrado / não-integrado. E ainda a questão da compatibilidade e incompatibilidade

semântica. A oposição /humano/ vs / não-humano/ só é pertinente quando se articula o traço /não-humano/ em /animado/ vs /inanimado/. O /humano/ é traço conjuntivo dos lexemas em questão mas a especificação /não-humano/ + /inanimado/ é incompatível com *amoroso*. Além do caráter eminentemente humano deste, o exame das compatibilidades sêmicas entre os lexemas e seus complementos não parece oferecer subsídios à análise do poema. A disjunção, porém, de /processo/ vs / estado/ que aparece na oposição de *amada amante / amoroso* pode talvez explicar a diferença de proporção quanto a maior e menor grau de integração entre sujeito e atributo. Em vista da distribuição quantitativa dos contextos em que os lexemas se apresentam acompanhados ou não de complemento, pode-se dizer que *amoroso* manifesta o traço /habitual/ ou / permanente/, enquanto em *amante* aparecem os termos contrários. Quanto à transitividade ou não decorrente se visualiza a seguinte escala:

Intransitividade	± transitividade	transitividade
X é amoroso	X é amante	X é amante de...
	X é amoroso com...	

O metassemema lexicalizado pela preposição *com* neutraliza até certo ponto a intransitividade da forma *X é amoroso*, acrescentando-lhe uma transitividade circunstancial. Em oposição a isso e confirmando a diferença de integração sujeito-atributo acima assinalada, os morfemas *de* e *com* indicam uma maior integração de atributo-complemento em *amante* e menor em *amoroso*.

No universo restrito do poema, não se julga a diferença etimológica das duas formas que fatalmente apontaria o traço /processo/ à forma proveniente do particípio presente latino; nem se julga a maior ou menor assimilação dessa forma verbal à classe dos adjetivos. Não é também pertinente a oposição sentimento/sentimental que normalmente se reconhece em *amoroso*. No poema, em *amoroso* se expressa um atributo hiponímico do sujeito; expressa-se uma qualidade fundamental e inerente ao humano.

No momento, porém, em que o ser amoroso se define como criatura, ou seja como produto natural, terreno, ele assume a função actancial de uma predicação funcional e participa de *um pequeno espetáculo, que comporta um processo, alguns atores e uma situação mais ou menos circunstanciada* (GREIMAS, 1966, p.117). Passa-se, pois, de uma manifestação mítica axiológica para uma manifestação ideológica. O ser amoroso ou a criatura se faz ator de um saber-fazer mítico. Ao expressar-se este pelo verbo *amar*, acarretando uma complementação – implícita ou explícita -, manifesta-se a transitividade característica de *amante*.

4.0 A partir da segunda metade da estrofe II, o fulcro de significação se desloca para a área do objeto.

O complemento direto do verbo *amar* aparece de várias formas: realizam-no unidades de significação de estrutura e dimensão diferentes e dos mais diferentes campos semânticos. São unidades expressivas cuja equivalência sintática é determinada pela estrutura do predicado do enunciado. Distinguem-se pela diversidade de lexema empregado e pela estrutura do próprio sintagma que o compõe.

Na estrofe II, a função objeto aparece de forma oblíqua e complexa:

*Amar o que o mar traz à praia
o que ele sepulta.*

A estrutura das definições do objeto de amor é, neste caso, senão a mesma, semelhante à de um código de palavras cruzadas. Dada a definição, parte-se para a denominação. Entretanto, os subsídios oferecidos ao leitor do poema são menores que os do decodificador de palavras cruzadas: este conta com as balizas dos quadradinhos, de números e posições, e dos grafemas. Restringindo-se ao quadro dos dois versos acima, as definições por estes expressas são definições “evenementielles”, ou se situam no limite desse tipo de codificação. O jogo de cata-anaforia entre o antecedente (o pronome) e o conseqüente (a frase) não permite a identificação de um referente no âmbito do discurso.

Mas, atendo-se ao que oferecem os dois enunciados, duas significações se depreendem: a variabilidade de objeto de amor, expressa pela variedade de predicados atribuídos ao mesmo sujeito (mar) e a própria não identificação do objeto A mesma isotopia gramatical liberada pela identidade posicional, sintática dessas duas definições continua a manifestar-se no final da estrofe:

(amar....) e o que , na brisa marinha,
É sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia.

Ao lado dessa identidade, duas diferenças se impõem: primeiro, a substituição das predicções funcionais por predicções qualificativas; depois, a importância do sintagma preposicionado *na brisa marinha*.

As expressões *sal*, *precisão de amor*, *simples ânsia* são equivalentes quanto à posição sintática e o são também quanto à localização no verso. As três expressões segmentam a unidade formal do verso em partes bem determinadas. A distância entre elas se situa na motivação semântica direta de *mar-praia-brisa-marinha-sal* , e na motivação metafórica – hipotática das duas outras. Entre *brisa marinha - sal* há uma relação hiponímica, de parte para parte no todo *mar*. Isso não acontece entre *brisa marinha - precisão de amor - simples ânsia*.

Em *o que na brisa marinha, é sal* volta a repetir-se uma definição “evenementielle”, mas um pouco menos transparente que as anteriores. Dela se depreendem os seguintes dados: apesar de tratar-se de uma predicção qualificativa, não se processa uma equivalência simples em que X = sal; a restrição imposta ao sintagma preposicionado através de *em*, deixa evidente a significação do verbo ser neste contexto: o que na brisa marinha corresponde a sal. Ou, tendo como eixo a espacialidade /onde/ :

sal : mar :: ? : brisa marinha,

equação que não pode ser expressa por : o que é da brisa marinha sal. É esta não identificação do referente que possibilita a criação das metáforas subsequentes:

o que é, na brisa marinha, precisão de amor,
simples ânsia.

As três expressões estão ligadas entre si pela conjunção *ou*. O metassemema que ela cobre pode ser ou uma disjunção de exclusão ou uma disjunção de inclusão. Ou ambas: daí a ambigüidade do texto. Pela exclusão, sucedem-se três objetos de amor diferentes. Por inclusão, realiza-se uma explicitação metalingüística em cadeia. Se se aceita a última alternativa, torna-se reconstituível o percurso de uma isotopia a partir do último termo - *simples ânsia*, para chegar-se às definições “evenementielles” desta

estrofe. A palavra *ânsia* revela, no contexto, o sema /carência/ no eixo da comunicação sujeito-objeto, incidindo sobre o sujeito. O determinante *simples* explicita a relação semântica dada pela ordem da atualização dos lexemas *precisão e ânsia*. Na metáfora *precisão de amor* ocorre uma nominalização em que se determina o objeto, sem contudo deixar de enfatizar-se a carência no sujeito, a qual institui o objeto como tal, isto é, o objeto é decorrência da carência no sujeito. Em outras palavras, nas duas expressões metafóricas se apresenta implícito o processo de comunicação do objeto. A verbalização do objeto em uma e sua não verbalização em outra - conferindo um caráter particularizante à primeira e um caráter generalizante à segunda, e ainda a gradação de intensidade de mais para menos, implícita na sequencia *precisão – ânsia* - colaboram na caracterização do sujeito como um sujeito carente de. Chega-se assim às conclusões:

- a- as definições “evenementielles” ganham sentido na medida em que se inserem num contexto maior: esse sentido lhes é atribuído graças ao suporte da equivalência sintática;
- b- as definições metafóricas são as que liberam a base sêmica contextual;
- c- entre as definições a- e b- intercala-se uma definição complexa, intermediária: ela participa de a- pela isotopia denotativa e de b- pela equivalência sintática, estendendo a ponte de b- para a-.

Como em b- se opõem determinação e não determinação do objeto vs marca do sujeito, uma nova leitura de a- se torna possível. A indeterminação do objeto em a- dirige o centro de significação para a relação sujeito vs variedade de objeto. Como o sujeito em b- é um sujeito carente de, a variedade de objetos e sua indeterminação levam à equivalência:

amar Y = necessidade de.

4.1 Sobre esta estrofe e as definições b-, uma nota ainda: a natureza hiponímica da relação sujeito-objeto, identificável apesar dos torneios sintático- semânticos que levam à sua metaforização; o sujeito ama a própria carência que o caracteriza enquanto sujeito. É esta mesma relação que volta na estrofe III, verso 2; este repete a mesma estrutura sintática básica das estrofes anteriores, localizando-se assim, quanto à complexidade, entre as definições a- e b- :

- a- amar o que o mar traz à praia
ele sepulta
- amar o que é entrega ou adoração expectante
- b- amar o que é, na brisa marinha, precisão de amor
simples ânsia.

4.2 A estrofe III está constituída de manifestações do complemento objeto, introduzidas nessa unidade formal poética pelo núcleo do predicado. Essas manifestações dividem-se em expressões referenciais de diferentes campos semânticos e em expressões metalinguísticas:

a-

amar
as palmas do deserto
um vaso sem flor
um chão vazio
o peito inerte
a rua vista em sonho
uma ave de rapina

b-

o inóspito
o áspero
entrega
adoração expectante

Os sintagmas de a- são segmentáveis em duas unidades, em todos eles a articulação sêmica das unidades libera o sema /carência/, graças à incompatibilidade /elemento preenchido/ vs / continente não-preenchido/ (*palmas do deserto*) ; /continente/ vs /não- conteúdo/ (*vaso sem flor, chão vazio*); /órgão ativo/ vs / não-energia/ (*peito inerte*); /realidade/ vs / não-realidade/ (*rua vista em sonho*); /predador/ vs / não-predador/ (*ave de rapina*).

A visão mítica disfórica dada pela articulação sêmica desses sintagmas é explicitada nas nominalizações:

(amar) o inóspito, o áspero,

em que a carência se manifesta graças à articulação de /continente/ + / não-habitável/ + /rude/. A segunda modalidade de manifestação do objeto classificada em b- apresenta também duas nominalizações, ambas de enunciados que podem ser transcritos da seguinte forma:

$$F = SN + SV$$
$$V + SN^2$$
$$vt$$

As nominalizações omitem o SN², fazendo a significação incidir na relação SN - SV, e não em vt - SN². O sujeito implícito e a não manifestação do objeto fazem ver entre eles uma relação de reflexibilidade (*entregar-se*) a qual pode receber na posição objeto tanto uma representação hiponímica (de parte do ser) quanto hiperonímica (da totalidade). A reflexibilidade coloca a ênfase na postura do sujeito. Isso se confirma no determinante da expansão seguinte: *adoração expectante*, onde a isotopia da carência está evidente.

Bipartindo-se a expressão sintetizante (*adoração expectante*) em dois segmentos de forma que a eles correspondam complementos distintos do sujeito, evidencia-se a seguinte gradação:

<i>Entrega</i>	<i>adoração</i>	<i>expectante</i>
(dar-se por completo)	(dar amor)	(receber ou esperar amor)

A relação metalinguística instalada pela conjunção (*ou*) torna equivalentes as duas expressões e conduz à mesma conclusão da estrofe II

entrega = adoração expectante = carência do sujeito

4.3 .Nas estrofes anteriores, I e II, as expressões que desempenham o processamento metalingüístico do discurso poético se encontram no último verso: elas devolvem a leitura aos termos a que se referem. Já na estrofe em questão, essas expressões situam-se em versos internos (v.2, v.3). Os versos externos (v.1, v.4 e v.5) se transformam em realizações estilísticas de um conteúdo catafórico e anaforicamente dado. Conteúdo posterior a v.1. (anafórico) e antecipado a v.4. e v.5 (catafórico).

5.0 Vejamos agora a estrofe IV, caracterizada no início deste estudo pela ocorrência da forma verbal *amar* e pela repetição da forma substantiva *amor*.

Esta oposição distributiva dos termos dicotômicos coincide com a distribuição das predicções funcional e qualificativa no poema. Enquanto as demais estrofes apresentam uma predominância da predicação funcional, esta se apresenta toda ela constituída de predicções qualificativas, seja na forma de um enunciado com elipse da ligação verbal (*este o nosso destino*), seja na forma de sintagmas resultantes de nominalização.

A diferença acima colocada explica o seguinte: a função predominante na estrofe IV é a metalingüística, evidenciada pelo processo de justaposições e condensações. A estrofe é introduzida pelo enunciado:

Este o nosso destino,

ao qual se seguem, como indica o signo sintático dos dois pontos, vários sintagmas de função apositiva. As definições se distribuem em duas unidades segmentáveis em cinco outras. Como assinala Greimas, esse tipo de sintagma em expansão é susceptível de uma decupagem binária:

- a - **amor** // sem conta;
- a' - (amor) // distribuído pelas coisas pérfidias ou nulas;
- b - doação ilimitada // a uma completa ingratidão;
- c - concha // vazia do **amor**;
- d - procura medrosa, paciente // de mais e mais **amor**.

Observa-se aí a posição sintática ocupada pelo lexema *amor*: mediatizadas pela definição b- - em que o lexema não ocorre, fato significativo, como se verá - as duas primeiras e as duas últimas se encontram em uma relação de inversão:

a, a'	b	c, d.
amor (...)	Ø	(...) de/o amor

Isto, respeitando-se a forma de expressão do texto, não gratuita sem dúvida, de definição de a'; sem se proceder, portanto, às transformações necessárias a uma outra perspectiva de abordagem.

O primeiro segmento de b- e d- resulta de duas nominalizações de enunciados cujo núcleo verbal é constituído por verbos transitivos (*doar, procurar*); está constituído duas vezes da palavra *amor* e, em c- , de um substantivo devido a uma motivação metafórica. Entre as duas nominalizações duas diferenças se verificam. Enquanto à *procura* se indica o objeto (amor), à *doação*, não. Em *doar*, o sujeito é destinador

também; em *procurar* o sujeito é o próprio destinatário. Em um caso tem-se sujeito fonte de amor e, no outro, sujeito receptor de amor.

Procedendo-se às transformações de a'- à que se referiu acima, tem-se:

(Amor) distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas
Distribuição de amor pelas coisas pérfidas ou nulas.

Neste caso o lexema *amor* passa ao segundo segmento da definição, o que acarreta sua equiparação à posição ocupada na definição d-. A expressão original do poema evita essa equiparação pois parece predominar nesta parte da estrofe uma visão do processo de comunicação do objeto em que o sujeito é também destinador.

5.1 A definição a - (definição de *Este o nosso destino*) sintetiza na forma de uma denominação todas as predicções das estrofes anteriores em seu conjunto. Ela desempenha, portanto, uma dupla função metalinguística:

Estrofe I e II *amor sem conta* *nosso destino*
DF → Dn Df → Dn

Ao dividir-se em dois segmentos, este sintagma abre-se a uma expansão de sua segunda parte - a definição a' :

Amor / sem conta = (amor) distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas.

O semema /relação de parcelas/ + / não limite/ de *sem conta* se especifica: a relação de parcelas se faz expansão descontínua especificada, por sua vez, em ou /humano/ ou /não-humano/ . A definição b- de *nosso destino* é denominação das duas definições anteriores (a e a'); isto é, *amor sem conta* e *(amor) distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas* equivalem a *ilimitada a uma completa ingratidão*.

A negação do limite da relação de parcelas é lexicalizada na definição pelo determinante do primeiro segmento: *ilimitada*. O caráter superlativo do determinante está contido no determinado: doar é dar inteiro, por completo. A descontinuidade de *distribuir* especificada em /humano/ e em /não humano/ em *pérfidas e nulas* se apresenta agora, tanto em *doar* quanto em *completa* , na forma de outro termo da articulação /parte/ vs /todo/. A disforia humana transforma a transitividade, a expansão unidirecionada do ato de doar em reciprocidade negada, ao expressar-se pela palavra *ingratidão* na qual o sujeito seria destinador e destinatário, num sincretismo de três actantes no mesmo ator.

As definições a- e a'- , de um lado, e a denominação b-, de outro, estabelecem, portanto, uma relação de

manifestação discreta / manifestação integral

do mesmo conteúdo. Se se considera:

- a ausência manifesta do objeto na definição b-, em oposição à sua presença clara nas demais;

- a posição intermediária da definição b- na inversão a- a'- → c- d- , à qual corresponde uma distribuição homóloga de sujeito destinador e sujeito destinatário;

- a relação manifestação discreta vs manifestação integral na retomada das definições a- e a'- pela b-,

então se pode afirmar que o objeto de doar (*doação de*) é o termo complexo dos sujeitos das definições que antecedem b- e a seguem: sujeito + destinador + destinatário. Repete-se pois aqui a mesma estrutura vista em *entrega ou adoração expectante*, ou seja:

amor sem conta distribuição (de amor)	=	doação ilimitada	=	procura de amor	=
carência					
Sujeito - destinador		sujeito – objeto		sujeito - destinatário	

5.2. As definições finais c- e d- o são, como as iniciais, de *nosso destino* e se encontram numa relação de imbricamento:

- d- a procura medrosa , paciente, de mais e mais amor;
- e- na concha vazia do amor

Em c- , a adjetivo *vazio* retoma a base semêmica das manifestações da função objeto na estrofe II e III e as categorias disfóricas das definições a-, a'- e b-. A primeira parte da definição – *concha* - manifesta os semas /continte/ + /fechado/ +/circular/ , os quais acrescentam os do lexemas determinante. À definição toda, portanto, a significação:

Continente fechado, circular, não preenchido, humano, disfórico.

Daí a contradição entre esta e a definição em que está contida: de um lado a afirmação do objeto e, de outro, a sua negação: a procura do amor na concha vazia do amor. Em outros termos, contradição entre:

/expansão/ + /transitividade/ vs /não expansão/ + /circularidade/.

Se na definição b- se reconhece a manifestação do termo complexo (/transitividade/ reciprocidade/ intransitividade/), nela se reconhece a ponte da transformação de /transitividade/ em /circularidade/ .

6.0. Relacionemos, agora, essa conclusão geral sobre a relação sujeito destinador-destinatário e a atividade amorosa, primeiro, com as expressões da função sujeito no poema; a seguir, com a significação dos recursos retóricos das estrofes I e II (interrogação e restrição) e da denominação *destino* da estrofe III.

- 1- Em *ser amoroso* interessa o caráter de imanência do atributo, a visão de um estado permanente, não circunstancial e intermitente; interessa, por conseguinte, a visão “essentielle” do homem;
- 2- A essa visão do homem se acrescenta a sua condição disfórica expressa pelos recursos da interrogação e da restrição;
- 3- Uma visão disfórica à qual se junta o caráter de pré-determinação, de obrigatoriedade, manifesto por *destino*, que explicita a passividade já contida, primeiro, na denominação *criatura* e, segundo, na modalização *poder* e na restrição *senão*.

Entre o sujeito assim definido e a sua manifestação histórica dá-se uma contradição: de um lado, a sua condição de condenado a uma atividade transitiva que o cria e define; de outro, a inexistência de condições à realização dessa mesma atividade. Daí a circularidade expressa pela metáfora *concha vazia*. Já anunciada na estrofe I na transitividade (*olhos*) negada (*vidrados*) do circunstancial: *até de olhos vidrados amar*.

Só então se pode entender a equivalência de amar = rodar.

7.0 A contradição acima referida se encontra expressa na última estrofe do poema em três níveis discursivos.

A volta da predicação funcional, após a estrofe IV, torna ambígua a leitura do final do poema. Este pode ser lido como uma continuação da manifestação funcional da atividade amorosa, equiparando-se, portanto, às três primeiras:

- Estrofe I : Que pode ... senão
amar
- II : Que pode... senão
amar o que ...
- III : Amar solenemente...
- IV : Este o nosso destino...
- V : Amar a nossa falta mesma...

Nesses termos dar-se-ia a comprovação, pelo próprio discurso, do que se acabou de afirmar: a condenação do homem a prosseguir em sua atividade amorosa, em busca do amor. Por outro lado, pode-se entender esta última estrofe como uma nova definição que se junta às da estrofe IV: teria, assim, uma função metalinguística.

No entanto, é preciso respeitar a significação semântico-sintático do silêncio interposto entre esta última estrofe e o último verso da estrofe anterior: é ele que dá àquela sua autonomia de estrofe. É preciso respeitar a pontuação: a relação entre a denominação *este o nosso destino* e as definições da estrofe IV está marcada pelos dois pontos; a estrofe se separa da anterior pelo ponto final desta e pelo novo parágrafo que ela própria inicia.

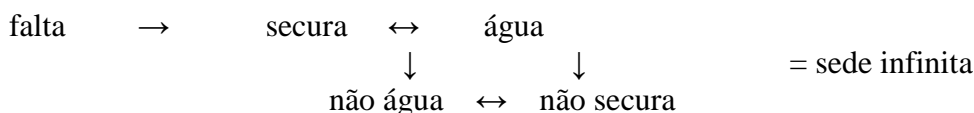
Superpondo-se as duas leituras, tem-se uma retomada metalinguística do poema até a estrofe anterior, ao lado da realização desta mesma significação. A imperiosidade do ser em prosseguir na atividade amorosa se expressa pela predicação funcional; a função objeto, porém, ao expressar-se na metalingua utilizada na estrofe IV, indica permanência do sujeito da enunciação do discurso:

Amar a nossa falta mesma de amor
e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Ao retomar a predicação funcional, o sujeito da enunciação não o faz no nível do discurso das duas primeiras estrofes em que a língua é instrumento em que se veicula uma determinada experiência. Na caminhada ao longo dos versos, o estágio alcançado na estrofe IV não permite retroceder. O sintagma *a falta mesma de amor* é verdadeiramente uma nova denominação que sintetiza a síntese da estrofe anterior, cuja base sêmica se encontra lexicalizada em *falta*. A partir desta lexicalização, seguem-se outras:

Secura, água implícita, beijo tácito, sede infinita.

Três delas, embora retomem o mesmo campo semântico de *mar* da estrofe III, não pertencem mais ao mesmo nível da língua natural. Elas denunciam o envolvimento do sujeito do enunciado na atividade viciosa do amor e, ao declarar isso, provocam o envolvimento do sujeito da enunciação na própria metalíngua ao explicitar a estrutura mínima de significação.



ou

falta = secura → não água → água → não secura → secura → sede infinita

8.0 É inegável a pertinência do princípio tomado como modelo neste trabalho: a presença de processos metalinguísticos na construção do discurso, os quais dão conta da criação de um sub-código específico deste poema de Drummond. É inegável também, por outro lado, o caminho tortuoso percorrido, confirmando as palavras de Greimas de que a isotopia de um segmento só se resolve pela isotopia geral do texto, do discurso. Com isso, parece respondida a pergunta colocada inicialmente: por que amar e não amor, e explicitada a razão pela da disforia do poema. A clausura de um texto e as suas significações se confirmam, pois, pelas equivalências e conversões dos termos, segmentos que se interdefinem, de tal maneira que o poema se fecha simbolicamente com a metalíngua transformada em sua própria língua. A percepção eufórica inicial aos poucos vai sendo declarada enganosa, de aparência, sendo gradativa mas incisivamente substituída por uma percepção disfórica, até finalizar nesse abraço fraterno de quem reconhece um destino coletivo e incontornável.

No entanto, é preciso que se atente para o fato de que essa disforia está apontada para o que ocorre no enunciado. Neste, o que se evidencia é um pequeno espetáculo vivido pelo sujeito narrativo, incansavelmente retomado, repetido em cenários distintos, cuja variabilidade tem a função de afirmar a mesma coisa, a inexistência do objeto de amor. O sujeito narrativo modaliza-se por um não-poder-não querer, que se torna mais crucial porque está sobredeterminado por um não-poder-deixar de fazer e pela contradição de um não-poder alcançar o objeto perseguido. Enfim, é um sujeito modalizado por um dever cujo valor mal se define: deve persistir nessa atividade

baldada por quê? Quem seria o destinador de uma tarefa sem sentido? As respostas não se dão numa dimensão transcendente: somos todos criaturas, entre criaturas, em rotação universal.

Nesse contexto, a veemência da elocução - que não cede a nada, mas reafirma a sua argumentação, para concluir no meio do caminho – Este o nosso destino - no entanto, a essas alturas descreve uma curva em direção a ela mesma, distanciando-se do enunciado, e obriga o leitor a situar-se na dimensão da comunicação: no encontro de sujeitos enunciativos, em que já não se distingue a direção da mensagem que se faz circular, confundindo enunciador e enunciatário. Ao reconhecerem juntos o destino comum, a consciência e a aceitação de um dever assim imposto, fazem prevalecer o grito da enunciação e, assim, recuperar a euforia do primeiro contato. Mas agora modulada por um sentimento estoico, um *pathos* que parece encontrar eco nos seguintes versos da mesma época:

(.....)
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

Manuel Bandeira (O martelo)³

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, C.D. de . **Poesia e prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1988.
BANDEIRA, M. **Poesia e prosa.** 2ª Ed. Rio de Janeiro; Aguilar. 1967.
GREIMAS, A.J. **Sémantique structurale.** Paris: Larousse. 1966.
----- **Du sens-** Essais sémiotiques. Paris: Seuil.1970.
_____ et alii **Essais de sémiotique poétique.** Paris: Larousse. 1972.
HAIDAR, J. e MIYAZAKI, T.Y. Dos poemas de Carlos Drummond de Andrade.
Revista de Letras. Porto Rico, 25-26, p. 18-56. 1975.

³ Manuel Bandeira. **Poesia e prosa.** 2ª Ed. Rio de Janeiro Aguilar. 1967.p. 294.

